



## **Crítica das fontes: historiografia para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina**

LUCIANO DE AZAMBUJA\*

### **1. Introdução: carências e interesses**

Durante os três primeiros anos como professor efetivo de História do Instituto Federal de Santa Catarina enfrentei grandes desafios didáticos ao ministrar novas disciplinas históricas específicas do eixo tecnológico do campus Florianópolis Continente e até então não vivenciadas: História de Santa Catarina, História da Arte e História da Gastronomia, Panificação e Confeitaria. Em relação à História de Santa Catarina, senti a necessidade de ler a respectiva historiografia e me deparei com um acervo incipiente ao procurar a biblioteca do câmpus. A partir destas carências e de algumas orientações de colegas, comecei a pesquisar nas livrarias, sebos e tendas do centro histórico de Florianópolis e fui adquirindo um acervo particular que atualmente, apesar de modesto, apresenta algumas obras que podem ser consideradas clássicas da historiografia catarinense e que têm me auxiliado na preparação e efetivação das aulas de história a partir da leitura, análise e interpretação de fontes históricas e historiográficas multiperspectivadas. Ao longo desta experiência didática pude mapear os conteúdos e vivenciar as práticas à procura de uma “narrativa mestra” sobre História de Santa Catarina que vá, abarque e volte da pré-história à contemporaneidade, da Novembrada ao Sambaqui. É chegada a hora de enraizar essa linha de pesquisa que começa a se constituir: Educação Histórica na Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

A investigação justificou-se ao se circunscrever nessa linha de pesquisa constitutiva do Núcleo de Estudos em Educação Profissional e Tecnológica do IFSC campus Florianópolis Continente. Constituiu a quarta investigação que inicia um novo período de consolidação produtiva desse tênue fio condutor: depois da inaugural *“Todos cantam a sua terra, também a minha vou cantar”*: lugares, comidas e festas em canções catarinenses; da subsequente *“Ponte Hercílio Luz: coração da nossa história”*: narrativas escritas de alunos de um curso

---

\* Instituto Federal de Santa Catarina IFSC, câmpus Florianópolis Continente. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica LAPEDUH-UFRP. Projeto de pesquisa realizado no âmbito do Edital Universal de Pesquisa n. 14/2014/PROPI do IFSC; coordenador do projeto com bolsa servidor PIPCIT e orientação dos alunos bolsistas PIPCIT: Raphael de Carvalho Palma Filho e Jaqueline Izabel de Vargas.

*técnico em guia de turismo a partir das leituras e escutas de uma canção catarinense*; da terceira pesquisa concluída, *Narrativas de vida: perfil identitário dos alunos IFSC campus Florianópolis Continente (2013-2014)*; por fim, apresento os resultados da pesquisa que vislumbrou os horizontes do biênio 2014 e 2015.

O problema consistiu na heurística, aquisição, doação, leitura e digitalização de fontes historiográficas acerca da História de Santa Catarina com vistas à organização e disponibilização de um conjunto de fontes-textos a serem utilizados nos processos de ensino e aprendizagem histórica de alunos jovens e adultos do Curso Técnico em Guia de Turismo do campus Florianópolis Continente. Parte-se da hipótese que tal pesquisa-ação resultará na qualificação do ensino e aprendizagem histórica e na subjacente formação da consciência histórica e identidade histórica de alunos jovens e adultos, resultando em competências cognitivas, conteúdos históricos e valores identitários fundamentais para a vida prática profissional, pessoal e cidadã de um Guia de Turismo. O objetivo geral foi colaborar para a ampliação do acervo de História de Santa Catarina da biblioteca do campus e o objetivo específico é disponibilizar um acervo de fontes históricas e historiográficas para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina no contexto do Brasil e no mundo enquanto conhecimento indispensável para a formação escolar de um Técnico em Guia de Turismo.

## **2. Referencial teórico: ideias, conceitos e categorias**

O título da investigação apresenta em si categorias históricas epistemológicas e operações da pesquisa histórica que precisam ser conceituadas teoricamente. Primeiramente, História de Santa Catarina pode atribuir múltiplos significados: a história-vida, a experiência histórica, o acontecimento concreto no tempo; a história-ideia, a consciência temporal, a disciplina da ciência histórica; a história-livro, o livro de história, a historiografia; e por fim, a história-didática, a aula de história, a aula de História de Santa Catarina. Em primeira instância, História de Santa Catarina é entendida como a disciplina da ciência da história que tem como objeto a interpretação e orientação das experiências humanas ocorridas na sucessão do tempo e do espaço do processo que veio a configurar o atual Estado de Santa Catarina. Nesse sentido, também temos a História de Santa Catarina historiografia, ou seja, a história escrita, os livros, a bibliografia; e a História de Santa Catarina didática, ou seja, a “matéria”,

disciplina ou a aula de História de Santa Catarina. Pretende-se relacionar justamente estas três “histórias”: a pesquisa histórica, a historiografia e a aula de história. A intenção teórica é definir e distinguir principalmente as categorias fonte histórica e historiografia para justificar a utilização do termo *fonte historiográfica*, ou seja, *a apropriação de historiografias como fonte histórica para o ensino e aprendizagem histórica*.

Na perspectiva do historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, não é nas fontes que reside o caráter especificamente histórico do passado humano; é pelos modelos de interpretação e pelo subjacente método que o resíduo é transformado em fonte para se extrair as informações que ela própria não pode formular. Trata-se da regulação metódica da pesquisa empírica que dá o passo em direção às fontes no sentido de transformar o pensamento histórico em ciência, cujo domínio está onde o acervo das fontes é apreendido e analisado sistematicamente. Trata-se dos métodos que os historiadores empregam para extrair das fontes informações sobre processos concretos ocorridos no passado, na qual esse passado como conteúdo da experiência é “real”, ou seja, existe empiricamente como resquício no testemunho empírico das fontes. Entretanto, os métodos a serem empregados na pesquisa dependem das informações que se quer obter e isso é decidido e influenciado pelos pontos de vista teóricos que o pesquisador aplica às fontes. As informações das fontes somente são transmutadas em fato histórico, quando são relacionadas com outros fatos que não se encontram nas fontes e que, portanto, resultam da apreensão interpretativa a partir do presente. Aquela concepção de história originária do século XIX de que a “história” já está diretamente escrita nas fontes, bastando apenas deixar falar a linguagem das fontes, atualmente é considerada ingênua; no entanto, segundo Rüsen, também é ingênuo conceber que a linguagem do presente é suficiente para formar historicamente os conceitos substantivos da história. Sendo assim, o que é historicamente substancial nas manifestações empíricas do passado, ou seja, nas fontes, não se explicita nelas mesmas, mas tem que ser obtido pelas perguntas que o historiador formula e mediante a constituição histórica de teorias. “Método histórico” consiste no conjunto de regras de procedimento observadas pelo pensamento histórico quando procede cientificamente; método histórico consiste nas operações específicas conhecidas como “pesquisa histórica” e abrange as suas regras básicas:

*Pesquisa histórica é um processo cognitivo, no qual os dados das fontes são apreendidos e elaborados para concretizar ou modificar empiricamente*

*perspectivas (teóricas) referentes ao passado humano. A pesquisa se ocupa primariamente da realidade das experiências, nas quais o passado se manifesta perceptivelmente, ou seja: de “fontes”. (RÜSEN, 2007a.: 99).*

Nesse sentido, o historiador-investigador, realiza o interrogatório sobre o que foi o caso no passado aos testemunhos empíricos desse passado presentes na atualidade; a pesquisa é o processo pela qual se obtém os dados das fontes constitutivos do conhecimento histórico. A pesquisa apreende a informação das fontes à luz de perspectivas teóricas previamente elaboradas, e elabora a informação apreendida sob estas perspectivas, para que se realizem empiricamente em histórias com conteúdo efetivo: “a pesquisa é o trabalho de responder empiricamente às perguntas históricas. Ela transmuta o empírico e o teórico em histórias concretas.” (Ibid.:105). O processo de pesquisa vai além do mero procedimento de aprender as informações das fontes sob a perspectiva de teorias; esse procedimento continua até a formatação historiográfica dos resultados da pesquisa. Novas informações de fontes enriquecem, ampliam e aprofundam o conteúdo experiencial do conhecimento histórico. O conhecimento histórico pode ser definido como processo que leva da pergunta à resposta. Rüsen diferencia de modo esquemático, as três fases principais desse procedimento: formulação da pergunta histórica; aplicação das perguntas às fontes; formação da resposta histórica. O método histórico regula essas operações processuais da pesquisa histórica: *heurística*, formulação da pergunta histórica; *crítica*, aplicação da pergunta histórica à fonte e extração de informações; e por fim, a *interpretação*, a formação da resposta histórica. Nesse sentido, pesquisa é o percurso teórico e empírico que vai da pergunta à resposta.

A primeira operação processual metódica em direção às fontes no sentido de obter informações acerca do passado é a *heurística*. A *heurística*, ao formular perguntas e hipóteses, mobiliza o passado presente empiricamente nas fontes. Uma pergunta histórica é relevante para a pesquisa na medida em que venha à tona a partir das carências de orientação da vida prática atual, possa ser trabalhada de forma crítica a partir do acervo e das concepções teóricas acumuladas e vá mais além dessa acumulação. Não é a disponibilidade de fontes que determina a pergunta histórica, mas ao contrário, é a formulação da pergunta histórica que determina a relevância de uma fonte para a pesquisa, ou seja, a possibilidade de coletar, examinar e classificar as informações relevantes para responder à pergunta histórica formulada. Em suma, a *heurística* é a formulação das perguntas históricas de investigação que, de certa forma, pré-determinam possíveis e prováveis respostas históricas.

A segunda operação processual em relação às fontes é a crítica, operação metódica que extrai as “informações das manifestações do passado humano acerca do que foi o caso. O conteúdo dessas informações são fatos ou dados: algo foi o caso em determinado lugar em determinado tempo (ou não).” (Ibid.:123). Com a crítica das fontes a pesquisa histórica fundamenta-se na facticidade do conhecimento histórico; a crítica das fontes é o ponto fulcral da objetividade histórica, no sentido de uma “objetividade de fundamentação”, no sentido de uma pretensão de validade que diferencia o conhecimento histórico científico do não científico. A crítica das fontes é o procedimento no qual as manifestações empíricas do passado humano são depuradas, decantadas e filtradas das dissimulações, distorções e transposições que ofuscam a compreensão do que aconteceu realmente no passado. As fontes registram processos temporais concretos que se sucederam no tempo, cujo caráter especificamente histórico só é atribuído “posteriormente”, sendo impossível de se manifestar nas fontes, visto que elas documentam algo acontecido “anteriormente”.

Não é nas manifestações empíricas do passado presentes na atualidade, ou seja, não é nas fontes que se encontra o caráter especificamente histórico do passado humano. É pelo método histórico que o resíduo é transformado em fonte para fornecer informações sobre o que foi o caso no passado. No entanto, as fontes constituem o caminho real empírico para se chegar ao cerne do conhecimento histórico que torna o historiador mais sábio do que as fontes por si só podem torná-lo. Esse “ganho de tempo” e esse “tempo ganho”, para além da crítica das fontes como meio de extrair informações acerca do passado, se dá mediante a operação processual que transforma informações, dados e fatos em “histórias”: a interpretação.

A apresentação da resposta histórica, ou seja, a interpretação, já não mais pertence à pesquisa em sua tarefa de extrair as informações empíricas das fontes, mas trata-se da operação que formata historiograficamente os resultados obtidos por meio das fontes. A pesquisa se completa na interpretação. A interpretação histórica é uma síntese; ela pondera os fatos sob a ótica de seu significado em um contexto histórico narrativo. A interpretação histórica obedece ao princípio da plausibilidade explicativa: explica por que algo em um determinado momento tornou-se diferente em um momento posterior. Em suma, trata-se das informações extraídas das fontes e interpretadas como “história”, ou seja, uma representação de um processo temporal de mudança que é relacionado às experiências do passado e às expectativas de futuro.

A pesquisa histórica atinge a sua plenitude e se realiza na historiografia; no entanto, a historiografia constitui-se em uma “outra coisa” que difere da pesquisa histórica, pois é concebida como um ato cognitivo próprio. “A pesquisa é um procedimento de elaboração de histórias. Histórias são narradas, por causa das carências de orientação da vida prática, para cobrir sua realização no tempo.” (Ibid.:170). A experiência histórica, em geral, constitui a temática de todos os processos de conhecimento da ciência da história. No caso da pesquisa histórica isso se processa de modo particular: “as informações são elaboradas e ponderadas em relação direta com o testemunho empírico do passado – o que, quando, onde, como e por que foi o caso.” (Ibid.:106). Em síntese, a historiografia, produto final da pesquisa histórica, constitui uma resposta a uma pergunta formulada às fontes; a narrativa historiográfica é uma interpretação da experiência humana no tempo, ou seja, a historiografia configura um conceito histórico. Nessa perspectiva, a narrativa historiográfica é uma resposta a uma pergunta histórica formulada às fontes, portanto, a historiografia é uma interpretação que constitui um conceito histórico substantivo mediado pelas categorias históricas epistemológicas, pois não há conceito sem categoria, e não há categoria histórica independente de um conceito histórico. Em resumo, toda narrativa historiográfica é (ou poderia ser) uma resposta às seguintes perguntas constitutivas de um conceito histórico substantivo: o que foi o caso? Quem? Quando? Onde? Por quê? Para que? Como? Efeitos ou consequências? Significados (passado, presente e futuro)? Pois é justamente na perspectiva dos conceitos estruturantes de fonte histórica, historiografia e fonte historiográfica e das subjacentes perguntas constitutivas de um conceito histórico substantivo, que pretendemos nos apropriar de fragmentos significativos das fontes historiográficas selecionadas, no sentido de disponibilizar um acervo de fontes-textos para o ensino e aprendizagem histórica de alunos jovens e adultos do curso Técnico em Guia de Turismo do IFSC campus Florianópolis Continente.

### **3. Metodologia da pesquisa**

A partir da metodologia da pesquisa histórica explicitada teoricamente, procurarei organizar, dividir e descrever o percurso metodológico da pesquisa por meio das três operações processuais: *heurística*, *crítica* e *interpretação*. No primeiro momento da

heurística, após a seleção de dois alunos bolsistas do curso Técnico em Guia de Turismo, e da correspondente componente curricular História de Santa Catarina II, realizaram-se inicialmente dois levantamentos de dados prévios: delimitação das referências bibliográficas sobre História de Santa Catarina que fazem parte do acervo da biblioteca do campus Florianópolis Continente e de uma lista de endereços de livrarias, sebos e tendas de livros da cidade de Florianópolis. Tendo em mãos as referências bibliográficas da biblioteca e uma seleção de lugares das visitas técnicas, no primeiro quadrimestre partimos para a heurística das fontes propriamente ditas, à procura, identificação e aquisição de um acervo historiográfico a partir da formulação da seguinte pergunta: **O que se tem sobre História de Santa Catarina?** A seleção das obras juntamente com os alunos bolsistas por meio da identificação pelo título e uma primeira leitura de reconhecimento teve como critérios de avaliação a forma historiográfica da narrativa e a relevância, autoridade e validade dos conteúdos abordados.

O segundo momento da crítica consistiu na organização do acervo adquirido. Enquanto a aluna bolsista escreveu e organizou as referências bibliográficas do acervo adquirido, o aluno bolsista auxiliou o professor em uma primeira seleção e digitalização de fontes-textos que foram efetivamente utilizadas no terceiro módulo da disciplina “História de Santa Catarina no contexto do Brasil e do mundo” durante o primeiro semestre de 2015. A partir da pesquisa de temas delimitados pelo professor-pesquisador e da leitura, crítica e interpretação das fontes historiográficas selecionadas foi solicitado aos alunos escreverem uma narrativa histórica, subsídio para a enunciação de uma narrativa oral relacionada a um lugar de *memoração*<sup>1</sup> na cidade de Florianópolis, procurando contextualizar os conhecimentos históricos adquiridos em situações da vida prática profissional de um guia de turismo por meio das *narrativas de campo*.

Por se tratar de fato de uma revisão dos conteúdos já trabalhados nos módulos um e dois da disciplina, além das historiografias e fontes históricas já interpretadas em sala de aula, aproveitou-se a oportunidade para uma primeira elaboração de novas fontes-textos a partir do acervo de livros adquiridos. Eis os conteúdos propostos na periodização de uma *narrativa*

---

<sup>1</sup> “No conceito de memoração, sobrepõem-se operações mentais bem diferenciadas: a da percepção ou da experiência cultural; a da comunicação e verbalização; a da orientação para a ação; a da legitimação cultural ou crítica da legitimidade; por fim, a da formação da identidade.” (RÜSEN, 2014: 96).

*mestra*<sup>2</sup> que vá do homem do Sambaqui à Novembrada e da contemporaneidade à pré-história, e os pressupostos da multiperspectividade de fontes historiográficas para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina: Santa Catarina Pré-Histórica: Sambaqui, Xokleng, Kaigang e Carijó; Santa Catarina Pré-Colonial: Náufragos, desertores e desterrados: Juan Dias Sólis, Porto dos Patos, Aleixo Garcia, Sebastião Caboto e Cabeza de Vaca; Bandeirantismo, Dias de Velho e a fundação da póvoa de Nossa Senhora do Desterro; Mineração, Silva Paes e a criação da Capitania de Santa Catarina: a colonização açoriana; A Invasão Espanhola (1777); Relato dos viajantes estrangeiros: segunda metade do século XVIII; “Santa Afro Catarina”: escravização e resistência africana na Desterro do século XIX; Colonização alemã e italiana na Santa Catarina da segunda metade do século XIX; Os gregos em Santa Catarina; Victor Meirelles: ascensão, apogeu e queda do Brasil Império; Cruz e Souza: simbolismo, abolicionismo e republicanismo; A Proclamação da República, a Revolução Federalista e a mudança do nome da ilha capital; Ponte Hercílio Luz: monumento ou ruína da modernidade?; A Era Vargas, Era Ramos e a República Nova em Santa Catarina; A Ditadura Militar Brasileira e a Novembrada. Divididas as temáticas, foi solicitado a cada aluno pesquisar, selecionar e compartilhar com o professor e a turma fragmentos de historiografias e fontes históricas relacionadas à sua temática. Deste modo, além dos textos já trabalhados nos módulos um e dois, o professor-pesquisador e os alunos trouxeram para a sala de aula novas perspectivas historiográficas sobre os temas tratados. Nesta metodologia de ensino e aprendizagem histórica a partir da leitura, crítica e interpretação de fontes historiográficas, os alunos jovens e adultos foram estimulados a realizarem as seguintes tarefas históricas: pesquisa histórica da temática delimitada; leitura, seleção e disponibilização de fragmentos historiográficos; interpretação das fontes-textos disponibilizadas pelo professor-pesquisador a partir do acervo adquirido na pesquisa; escritura da narrativa histórica acerca do tema delimitado a partir da formatação de respostas às perguntas constitutivas de um conceito histórico substantivo: o que foi o caso? Quem? Quando? Onde? Por quê? Para que? Como? Consequências? Significados temporais (passado, presente, futuro)? Enunciação da *narrativa de campo*, narrativa histórica oral sobre o tema delimitado em relação a um lugar de memorização da cidade de Florianópolis selecionado pelos alunos.

---

<sup>2</sup> “A humanidade é simultaneamente horizonte de experiência e determinação normativa do pensamento histórico. Isso é assim desde sempre – as narrativas-mestras de todas as culturas ancoram uma representação normativamente carregada da humanidade na determinação do pertencimento dos seus destinatários.” (Ibid.: 84).

E por fim, na operação processual da interpretação organizativa e cronológica foram identificadas, selecionadas e digitalizadas outras fontes-textos que constituíram o conjunto de fontes historiográficas para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina extraídas do acervo doado para a biblioteca do campus Florianópolis Continente.

#### **4. Formas e resultados: historiografia para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina**

Após o período de leitura das fontes historiográficas selecionados, foi realizada no dia 24 de abril a leitura oral das narrativas históricas escritas pelos alunos e posterior entrega da narrativa escrita. Em uma amostra de 12 alunos, um aluno faltou, outro não escreveu e não leu e outro leu, mas não entregou a narrativa escrita na ocasião. A cada leitura dos alunos o professor-pesquisador oportunizou comentários e considerações dos colegas e fez uma análise procurando corrigir eventuais incongruências e sugerindo mudanças a partir dos critérios de avaliação delimitados do plano de trabalho: conteúdo do conceito histórico selecionado, forma narrativa escrita e oral e as respectivas normas de formatação e atitude de enunciação.

No dia 08 de maio iniciaram as *narrativas de campo* de acordo com os temas delimitados a partir de uma narrativa mestra de História de Santa Catarina que abarque da pré-história à contemporaneidade. As narrativas de campo *Santa Catarina Pré-Histórica: Sambaquis; Xokleng; Kaigang; Carijó* e *Santa Catarina Pré-Colonial: Náufragos, desertores e desterrados: Juan Dias Sólis, Porto dos Patos, Aleixo Garcia, Sebastião Caboto e Cabeza de Vaca*, foram oralizadas pelos respectivos alunos que escolheram como lugar de memoração o Parque Coqueiros que fica na porção continental da cidade, ao lado do campus Florianópolis Continente e Reitoria do IFSC, com vista para a baía sul da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Para abordar os dois primeiros temas o professor-pesquisador trouxe e trabalhou em sala de aula um fragmento de texto de autoria do antropólogo Silvio Coelho Santos do livro *Nova História de Santa Catarina* (2004). Além da fonte-texto trazida pelo professor, o aluno Bruno <sup>3</sup>, 48 anos, fundamentou a sua narrativa oral na leitura de capítulos do livro *A Ilha de Santa Catarina: no século das grandes navegações*, organizado por Evandro André de Souza (2013); já o aluno Roger, 34 anos, embasou a sua narrativa de

---

<sup>3</sup> Nome fictício para preservar o anonimato e privacidade dos alunos participantes de pesquisa.

campo nas leituras dos livros *A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do império Inca*, de Rosana Bond (1998) e *Porto dos Patos: 1502-1582 a fantástica e verdadeira história da Ilha de Santa Catarina na era dos descobrimentos*, de João Carlos Mosimann (2004).

Para as temáticas, *Bandeirantismo, Dias Velho e a fundação da póvoa de Nossa Senhora do Desterro e Mineração, Silva Paes e a criação da capitania de Santa Catarina: a colonização açoriana*, o professor-pesquisador trabalhou em sala de aula a fonte-texto de autoria do historiador Valmir Muraro do livro *História de Santa Catarina para ler e contar* (2003). No dia 15 de agosto o aluno responsável em apresentar o primeiro tema faltou à aula, pois desistiu do módulo do curso. A aluna Adriana, 39 anos, fundamentou a sua narrativa em fragmento de texto de autoria de Eliane Veras da Veiga do livro *Florianópolis: memória urbana* e escolheu como lugar de memorização inicial da sua narrativa de campo a Catedral de Florianópolis localizada na Praça XV de Novembro no centro histórico, marco fundamental da póvoa fundada por Dias Velho na segunda metade do século XVII. Após fazer uma breve retrospectiva do primeiro tema não apresentado, deu continuidade a sua narrativa sobre a criação da Capitania de Santa Catarina em 1739 guiando os colegas ouvintes até o Forte Santa Bárbara, localizado nos arredores, para encerrar a sua condução em frente ao mural realizado pelo artista plástico Rodrigo de Haro sobre a cultura florianopolitana de tradição açoriana, localizado na fachada da Caixa Econômica Federal da praça central.

Para as temáticas, “*Santa Afro Catarina*”: *escravização e resistência africana na Desterro do século XIX; Colonização alemã e italiana na Santa Catarina da segunda metade do século XIX e Os gregos em Santa Catarina*, o professor-pesquisador trabalhou em sala de aula as fontes-textos de Silvio Coelho Santos, *Nova História de Santa Catarina* (2004) e de Bobaid (2013) intitulado *Meghisti (Kastelório): ilha grega entre três continentes*. No dia 22 de maio a aluna Mafalda, 62 anos, fundamentou a sua narrativa no fragmento de texto do livro *História Sócio-Cultural de Florianópolis* organizado por Melo (1991) e escolheu como *lugar de memorização* da sua narrativa de campo sobre a presença e resistência africana na cidade do Desterro do século XIX, as escadarias da Igreja do Rosário, mais especificamente, da “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos”, também localizada no centro de Florianópolis. O aluno Leandro, 29 anos, que não havia lido e entregue a narrativa escrita, apresentou a sua narrativa de campo com certa insegurança em frente a um centro cultural italiano localizado na Praça XV de Novembro e, por fim, o aluno

César, 41 anos, apresentou a sua narrativa de campo sobre a presença grega em Florianópolis na Capela Ecumênica de Santa Catarina de Alexandria do Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina, localizada no centro de Florianópolis.

No dia 12 de junho foram apresentadas as narrativas de campo *Victor Meirelles: ascensão, apogeu e queda do Brasil Império; A Proclamação da República, a Revolução Federalista e a mudança do nome da ilha capital; Ponte Hercílio Luz: monumento ou ruína da modernidade?* A narrativa *Cruz e Souza: simbolismo, abolicionismo e republicanismo*, não foi apresentada em função da desistência da aluna do módulo do curso, entretanto, o professor-pesquisador trabalhou em sala de aula a fonte-texto do livro *Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Souza* de autoria de Manoel Gomes (1979). A aluna Fernanda, 29 anos, fundamentou a sua narrativa na fonte historiográfica *Victor Meirelles: biografia e legado* de autoria de Sueli T. Franz (2014) e escolheu como lugar de memoração para a sua narrativa de campo o Museu Victor Meirelles localizado no centro histórico de Florianópolis. A partir da leitura da fonte-texto do livro *A República em Santa Catarina* de autoria da historiadora Roselane Neckel (2003), o aluno Miguel, 30 anos, escolheu como lugar de memoração da sua narrativa de campo, *A Proclamação da República, a Revolução Federalista e a mudança do nome da ilha capital*, o Teatro Álvaro de Carvalho localizado no centro de Florianópolis. E para finalizar a manhã, a aluna Rosário, 48 anos, fundamentada da fonte-historiográfica *Ponte Hercílio Luz: tragédia anunciada* de autoria de Maurício de Oliveira (2011), enunciou a sua narrativa de campo, *Ponte Hercílio Luz: monumento ou ruína da modernidade?*, escolhendo como lugar de memoração o belvedere panorâmico que abriga a estátua de Hercílio Luz na cabeceira da ponte metálica que liga a ilha ao continente.

Neste mesmo dia 12 de junho foi realizado um jantar de fechamento do projeto de pesquisa “Crítica das fontes: historiografia para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina” no restaurante do campus Florianópolis Continente e teve como convidado especial à turma de formandos do curso técnico em Guia de Turismo, sujeitos e público alvo da pesquisa-ação. Em parceria com professores e alunos do curso técnico em Gastronomia, foi realizada no evento uma exposição de parte dos livros adquiridos pelo projeto de pesquisa, além da projeção de fotografias históricas de Florianópolis e trilha sonora selecionada por “canções catarinenses”. A intencionalidade do jantar foi estimular a divulgação dos resultados

do projeto junto à comunidade escolar do campus e do Instituto Federal de Santa Catarina como um todo.

A partir da leitura das fontes-textos *Santa Catarina: história da gente* (2003), de autoria dos historiadores Walter Piazza e Laura Hubner, e *Catarinenses: gênese e história*, de autoria do pesquisador Mosimann (2010), no dia 19 de junho, o aluno Mateus, 51 anos, fundamentado na fonte historiográfica trazida por ele, *Nomes que ajudaram a fazer a história de Santa Catarina* (1972), escolheu como lugar de memoração para a sua narrativa de campo, *Era Vargas, Era Ramos e a República Nova em Santa Catarina*, o busto de Nereu Ramos localizado em frente a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina situada no centro de Florianópolis. Já a aluna Denise, 58 anos, escolheu como lugar de memoração para a sua narrativa de campo o “Senadinho”, café tradicional no centro de Florianópolis, local relacionado aos acontecimentos tematizados pela sua narrativa *A Ditadura Militar e a Novembroada*.

E para finalizar as narrativas de campo no dia 26 de junho, apesar de romper a sequência cronológica até aqui desenvolvida por motivos de adequação de agendas, fundamentadas na fonte-texto trazida pelo professor, *História de Santa Catarina* de autoria do historiador Oswaldo Rodrigues Cabral (1987), e nas fontes trazidas pelas alunas, *Os espanhóis conquistaram a Ilha de Santa Catarina: 1777*, de autoria da historiadora Maria Bernadete Ramos Flores (2004), e *Ilha de Santa Catarina: relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX* organizado por Haro (1996), foram enunciadas as narrativas de campo no Forte Santana, localizado na cabeceira insular da ponte Hercílio Luz na parte mais estreita que divide as baías norte e sul da Ilha de Santa Catarina.

Com exceção do aluno que não escreveu a narrativa escrita solicitada, em linhas gerais, as narrativas escritas e as subseqüentes *narrativas de campo* foram “proficientes” e algumas “excelentes”, segundo conceitos de avaliação utilizados pelo campus. A partir dos critérios de avaliação estabelecidos no plano de trabalho, conteúdo do conceito histórico substantivo selecionado, forma narrativa escrita e oralizada e norma de formatação e atitude corporal respectivamente, os alunos jovens e adultos do curso técnico em Guia de Turismo enunciaram narrativas históricas elaboradas acerca das temáticas delimitadas que abordam os acontecimentos referenciais dos principais períodos de uma narrativa mestra acerca de História de Santa Catarina no contexto do Brasil e do mundo. Após cada enunciação das

*narrativas de campo*, o professor-pesquisador oportunizou que os alunos fizessem comentários, críticas e contribuições às narrativas dos colegas, para finalizar com a sua avaliação, correções e sugestões para uma efetiva *narrativa de campo em lugares de memória*.

Ao encerrar o projeto de pesquisa “Crítica das fontes: historiografia para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina”, foram adquiridos e doados à biblioteca do IFSC campus Florianópolis Continente, cerca de 127 livros <sup>4</sup> e foram elaboradas 44 fontes-textos para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina de alunos jovens e adultos da educação profissional, científica e tecnológica.

### **5. Funções de orientação: horizontes de expectativa**

Na perspectiva da linha de pesquisa Educação Histórica na Educação Profissional, Científica e Tecnológica que sintetiza o campo da educação histórica, a experiência da cognição histórica situada e a disciplina científica da didática da histórica, podemos constatar que o projeto de pesquisa “Crítica das fontes: historiografia para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina” atingiu satisfatoriamente suas intencionalidades e objetivos. Operacionalizamos a heurística, leitura e digitalização de fontes historiográficas acerca da História de Santa Catarina com vistas à disponibilização de um acervo de *fontes-textos* a serem utilizados nos processos de ensino e aprendizagem histórica de alunos jovens e adultos do Curso Técnico em Guia de Turismo do IFSC câmpus Florianópolis Continente. Verificamos que a nossa hipótese foi corroborada, pois a pesquisa resultou na ampliação, aprofundamento e qualificação dos processos de ensino e aprendizagem da disciplina *História de Santa Catarina no contexto do Brasil e do mundo*, contribuindo para a aquisição da competência narrativa da consciência histórica que é imprescindível e fundamental para a vida prática profissional, pessoal e cidadã de um Guia de Turismo. Nesse sentido, os objetivos foram atingidos: ampliação, diversificação e multiperspectividade do acervo de História de Santa Catarina da biblioteca do campus e organização de um conjunto de fontes-textos para o ensino e aprendizagem histórica da disciplina escolar. Foram mobilizadas as operações processuais da metodologia da pesquisa histórica (RÜSEN, 2007b) adequadas às

---

<sup>4</sup> Além das obras citadas no presente artigo, outras referências que foram adquiridas pelo projeto encontram-se nas referências finais.

especificidades do trabalho: heurística e aquisição de bibliografia sobre História de Santa Catarina; crítica, extração e digitalização de informações significativas das fontes; e a interpretação organizativa e cronológica de um conjunto de fontes-textos para o ensino e aprendizagem histórica de alunos jovens e adultos da educação profissional, científica e tecnológica catarinense.

Justificamos a categoria fonte historiográfica, pois demonstramos que fragmentos de historiografia podem ser apropriados como fonte histórica para o ensino e aprendizagem de História de Santa Catarina de alunos jovens e adultos do curso técnico em Guia de Turismo. A leitura, crítica e interpretação de fontes historiográficas a partir das operações do método histórico, podem fundamentar a escritura de narrativas históricas como respostas às perguntas constitutivas de um conceito histórico substantivo: o que foi o caso? Quem? Quando? Onde? Por quê? Para que? Como? Efeitos e consequências? Significados temporais: passado, presente, futuro. A narrativa histórica é uma resposta a uma pergunta. A narrativa histórica é uma interpretação acerca de algo concreto ocorrido no tempo, portanto, um conceito histórico substantivo. Toda narrativa histórica tem um início, um meio e um fim, introdução, desenvolvimento e conclusão: uma situação inicial que se transformou em uma situação final. A narrativa histórica constitui a consciência histórica; a consciência histórica se expressa mediante a narrativa histórica.

A escritura da narrativa histórica, resultado da pesquisa histórica, pode e deve subsidiar a enunciação das *narrativas de campo* em lugares de memorização significativos, eficientes e eficazes na potencialização da rememoração das experiências do passado, da interpretação dos significados do presente, e da constituição dos sentidos de orientação dos futuros guias de turismo de Santa Catarina. A leitura, crítica e interpretação de fontes historiográficas multiperspectivadas podem mobilizar a escritura de narrativas históricas, a enunciação de narrativas orais, e a subjacente formação escolar da competência narrativa da consciência e da identidade históricas de alunos jovens e adultos da educação profissional, científica e tecnológica.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. 7. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

BOBAID, D. S. **Meghísti (Kastelório): ilha grega entre três continentes.** Florianópolis: Insular, 2013.

BOND, R. **A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do império inca.** 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, Fundação Franklin Cascaes, 1998.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro - Notícia II.** Florianópolis: UFSC, 1972.

\_\_\_\_\_. **Nossa Senhora do Desterro – Memória II.** Florianópolis: UFSC, 1972.

\_\_\_\_\_. O. R. **História de Santa Catarina.** 3. Ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CALDAS, Cândido. **História Militar da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1997.

CARDOSO, P. J. **Negros em Desterro: Experiências de populações de origem em Florianópolis na segunda metade do século XIX.** Itajaí: Casa Aberta, 2008.

CONCEIÇÃO, E. N. **Dias Velho e os corsários.** Florianópolis: Lunardelli, 1988.

FLORES, M. B. R. **Os espanhóis conquistaram a Ilha de Santa Catarina: 1777.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

FRANZ, T. S. **Victor Meirelles: biografia e legado artístico.** Florianópolis: Ed. Caminho e Dentro, 2014.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

GOMES, M. **Do palácio Rosado ao palácio Cruz e Souza.** Florianópolis: Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1979.

GONÇALVES, Alexandre. **Aventura arqueológica na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Lagoa Editora, 2003

HARO, M. A. P. de. **Ilha de Santa Catarina: relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.** Florianópolis: Ed. da UFSC, Ed. Lunardelli, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, O. F. (org.). **História Sócio-Cultural de Florianópolis.** Florianópolis: Lunardelli, 1991.

MINEIRINHO, J.; JAMUNDA, T. C. **Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina.**

Florianópolis: EDEME, 1972.

MOSIMANN, J.C. **Ilha de Santa Catarina: 1777-1778: a invasão espanhola.** Florianópolis: Edição do autor, 2003.

\_\_\_\_\_. **Porto dos Patos: 1502-1582; a fantástica e verdadeira história da Ilha de Santa Catarina na era dos descobrimentos.** 2. Ed. Florianópolis: Edição do autor, 2004.

\_\_\_\_\_. **Catarinenses: gênese e história.** Florianópolis, edição do autor, 2010.

MURARO, Valmir. **História de Santa Catarina para ler e contar.** Florianópolis: Cusca Fresca, 2003.

NECKEL, R. **A república em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920).** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

OLIVEIRA, M. **Ponte Hercílio Luz: tragédia anunciada.** 2ª. Ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2011.

PEREIRA, N. V. **Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Fundação Cultural Açorianista, 1992.

\_\_\_\_\_. **Contributo açoriano para a construção do mosaico cultural catarinense.** Florianópolis: Papa-livro, 2003.

PIAZZA, W. F., HÜBENER, L. M. **Santa Catarina: história da gente.** Florianópolis: Ed. Lunardi, 2003.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RÜSEN, J. **Razão histórica.** Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reconstrução do passado.** Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. **História viva.** Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã.** Trad. Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, S. C. **Índios e brancos no Sul do Brasil: A dramática experiência dos xokleng.**

Florianópolis: Edeme, 1970.

\_\_\_\_\_. **Nova história de Santa Catarina**. 5. Ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

SCHMIDT, M. A., BARCA, I. (org.). **Aprender história: perspectivas da educação histórica**. Ijuí: Ed. Unijui, 2009.

SOUZA, E. A. (org.). **A Ilha de Santa Catarina no século das navegações**. Florianópolis: Insular, 2013.